

A ESTRUTURA SEMÂNTICO-DISCURSIVA DO GRUPO NOMINAL NO INGLÊS E A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Marcelo SAPARAS
(Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD)
christian_matt@uol.com.br

Sumiko Nishitani IKEDA
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP)
sumiko@uol.com.br

RESUMO: Examinamos o grupo nominal (GN)¹, no inglês e no português, comparando seus constituintes em termos de: (a) função; (b) sequência de ocorrência nesse grupo. A tradução para o português do GN: *generalizable model of clause and sentence structure*, em 'modelo generalizável da estrutura de oração e da sentença' mostra que a ordem dos constituintes difere consideravelmente de uma língua para outra. A consideração da estrutura semântico-discursiva aí envolvida - e não apenas a da morfossintaxe - pode iluminar a questão.

PALAVRAS-CHAVE: GN; constituintes do GN; ordem dos constituintes; tradução.

ABSTRACT: *We have examined the nominal group (NG), in both English and Portuguese, comparing its constituents in terms of: (a) function, as well as (b) occurrence order in both languages. The translation of the following NG into Portuguese: generalizable model of clause and sentence structure, into 'modelo generalizável da estrutura de oração e da sentença' shows that the order of the constituents differs considerably from one language to another. The consideration of the semantic/discursive structure involved there - and not just its morphosyntax - can shed some light on the issue.*

KEYWORDS: *NG; constituents of the NG; constituents order; translation.*

0. Introdução

Examinamos, neste artigo, o grupo nominal (GN) – estrutura formada pelo nome e seus modificadores - no inglês e no português,

¹ "Grupo nominal" é a expressão adotada na Gramática Sistemática-Funcional (HALLIDAY, 1994), em contraste com "frase nominal". Tradicionalmente, a expressão "sintagma nominal", abrange essas duas expressões da sistêmica.

comparando as funções de seus constituintes, bem como a ordem de ocorrência desses elementos nos GNs das duas línguas. A tradução para o português do GN: *generalizable model of clause and sentence structure*, em 'modelo generalizável da estrutura de oração e da sentença' mostra que a ordem dos seus constituintes difere consideravelmente de uma língua para outra. Devido a essa diferença, a tradução de *mental knowledge structure* motivou a seguinte dúvida: seria 'estrutura de conhecimento mental', ou seria 'estrutura mental de conhecimento'? Esse tipo de incerteza já ocorreu com a tradução de *critical discourse analysis*, que, para uns deveria ser 'análise do discurso crítica', mas para outros, 'análise crítica do discurso', questão tratada em artigo de Magalhães (2004/2005). A propósito, segundo Fries (2001), todo linguista concorda com o fato de que o GN em inglês constitui-se em construção complexa. O mesmo dizia Perini (1986, p. 38) em relação ao português: "a composição do sintagma nominal é bem complexa".

O exame dessa composição, ou seja, a caracterização da função exercida por cada modificador em relação ao nome-núcleo do GN, bem como a sua ordem no interior do grupo, tem sido estudada tanto na língua inglesa quanto na portuguesa. Em inglês, podemos citar: Huddleston (1984), Quirk et al (1985), Gregory e Asp (1985), Radford (1988), Bathia (1991), Fries (2001), Bruti (2003), Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004). Em português: Câmara Jr. (1979), Tarallo (1994), Borba (1996) e Kato (1998), Neves (2000), Silva e Dalla Pria (2001), Monte (2006), dentre outros.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o GN, em alguns aspectos, equivale a uma palavra complexa – isto é, uma combinação de palavras construída com base em uma relação lógica específica. Assim, ao interpretar a estrutura do GN, devemos considerar o significado como uma organização tríplex - da experiência, da avaliação e da linguagem - como a expressão de certas relações lógicas, ou seja, da ordem que os constituintes mantêm no GN.

Nesse contexto, Silva (2008), examinando estruturas com dois adjetivos tanto em português, quanto em inglês, propõe a adoção de princípios sintático-semânticos e discursivos para explicar a colocação do modificador em relação ao nome, nesse tipo de estrutura. Em suma, diz o autor, é a interação entre discurso e características sintático-semânticas do adjetivo que predetermina a sua posição no GN.

Assim, um caminho a ser seguido por quem queira estabelecer a ordem dos modificadores em relação ao nome, no GN nas duas línguas, dependeria do exame da correspondência entre as funções não só sintáticas, mas também semântico-discursiva exercidas pelos modificadores no interior do GN, para então poder verificar a diferença na ordem que se estabelece nas duas línguas.

O nosso objetivo neste artigo é o estabelecimento de critérios referentes à ordem dos constituintes do GN do inglês e do português, com base em suas funções sintático-semântico-discursivas, examinando a tradução do GN do inglês para o português. A pesquisa deverá responder às seguintes perguntas: (a) Quais são as funções exercidas pelos constituintes nos GNs do inglês e do português? (b) Qual é a ordem desses constituintes nos GNs do inglês e do português?

1. Apoio teórico

Para compormos os critérios sobre a constituição e a ordem dos constituintes do GN nas duas línguas, tratamos, a seguir: (i) da noção de *grupo*, como um nível abaixo da oração; e (ii) de algumas propostas sobre os constituintes e sua ordem na estrutura do GN tanto no inglês, quanto no português.

1.1 O Grupo Nominal

Abaixo do nível da oração, e como parte de sua constituição, situa-se o *grupo*, segundo Halliday (1994), uma classe constituída por nomes, verbos e advérbios (grupos nominais, verbais e adverbiais, respectivamente) exercendo diferentes funções nessa estrutura. Na tradição gramatical ocidental, o grupo não foi reconhecido como uma unidade estrutural distinta, tendo sido as orações analisadas diretamente nas palavras. Ocorre que, continuam os autores, esse modelo 'oração em palavras' é inadequado, pois ignora vários aspectos importantes dos significados envolvidos na comunicação.

A análise do GN, sob a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), considerando os significados de seus constituintes, ou metafunções: Ideacional, Interpessoal e Textual, pode acrescentar esclarecimentos à pesquisa dessa construção. Examinemos essa organização, no exemplo sugerido pelos autores:

- (1) *those two splendid old electric trains with pantographs.*

Esse GN contém um nome - *trains* - precedido e seguido de vários itens, que o caracterizam de alguma maneira. Isso ocorre em uma certa sequência, que é fixa na maioria dos casos, conforme Halliday e Matthiessen. Podemos interpretar esse GN como uma estrutura Ideacional, Interpessoal e Textual, que, tomada como um todo, tem a função de especificar: (i) uma *classe de coisas (trains)*; (ii) alguma *categoria constituinte dentro da classe (those, two, splendid, old, electric, with pantographs)*; (iii) além da sequência desses constituintes

no GN, respectivamente. O Quadro 1 mostra os tipos e a sequência no GN do inglês, como propuseram Halliday e Matthiessen (2004).

Quadro 1 – Estrutura do GN

<i>Those</i>	<i>Two</i>	<i>Splendid</i>	<i>Old</i>	<i>electric</i>	<i>TRAINS</i>	<i>with pantographs</i>
Dêítico	Numeral	Epíteto Interpessoal	Epíteto Ideacional	Classificador	NÚCLEO	Qualificador

Fonte: Halliday; Matthiessen (2004)

O Quadro 1 mostra a análise do GN - (1) *those two splendid old electric trains with pantographs* - com o Núcleo e seus modificadores.

Abrindo um parênteses aqui, notemos, no Quadro 2, que as categorias: Epíteto Interpessoal, Epíteto Ideacional, Classificador e Qualificador seriam todas elas classificadas em termos sintáticos pela gramática tradicional - de caráter marcadamente morfossintático -, como adjuntos adnominais: os três primeiros realizados por adjetivos e o último por locução adjetiva.

Quadro 2 – Estrutura do GN

<i>Splendid</i>	<i>Old</i>	<i>Electric</i>	<i>TRAINS</i>	<i>with pantographs</i>
Epíteto Interpessoal	Epíteto Ideacional	Classificador	NÚCLEO	Qualificador
A análise semântica cima do GN, corresponderia à seguinte análise sintática:				
Adjunto Adnominal	Adjunto Adnominal	Adjunto Adnominal	NOME	Adjunto Adnominal ²

Fonte: Adaptado de Halliday; Matthiessen (2004)

Na proposta dos autores, porém, cada um desses elementos morfossintáticos tem uma função semântica: Epíteto Interpessoal, de avaliação subjetiva (atitude do autor); Epíteto Ideacional, de avaliação objetiva (qualidade de produto); Classificador, de indicação de uma subclasse do Núcleo; e Qualificador, em geral, uma oração adjetiva reduzida a adjetivo ou a locução adjetiva. Assim, esses elementos são "termos dentro de diferentes sistemas da rede de sistemas" (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 312).

De acordo com os autores, a categorização dentro da classe é expressa por um ou mais elementos funcionais no inglês: (i) Pré-Núcleo (PréN) do GN: Dêítico, Numeral, Epíteto e Classificador; e (ii) Pós-Núcleo (PósN) do GN - o Qualificador.

Examinemos, a seguir, a função dos PréNs e dos PósNs, no inglês, de acordo com Halliday e Matthiessen. Em nossas análises, o Dêítico e o Numeral serão deixados à parte, já que não apresentam problema para

² *Rank-shifted*, segundo Halliday (1994), que equivale a uma oração reduzida a termo de oração.

a tradução do GN; assim também Qualificador, que mantém a posição PósN na tradução.

- O Dêitico serve para especificar o Núcleo.
- O Numeral indica quantidade ou ordem, que pode ser exata (p.ex., numerais cardinais e ordinais) ou inexata (p.ex., muitos, subsequente).
- O Epíteto indica alguma qualidade do Núcleo, que pode ser uma propriedade objetiva (Ideacional) do Núcleo ou a expressão da atitude subjetiva (Interpessoal) do falante em relação a ele. Não há, contudo, uma linha nítida entre esses dois Epítetos, mas: (i) os Epítetos Ideacionais são potencialmente definidores, ao contrário dos Interpessoais; (ii) os Interpessoais tendem a preceder os Ideacionais, ordenando-se do menos permanente para o mais permanente (*a new red ball* e não *a red new ball*); (iii) os Interpessoais tendem a ser reforçados por outras palavras (p.ex., *horrible, ugly, great*).
- O Classificador indica uma subclasse particular do Núcleo (p.ex., *electric trains, passenger trains, toy trains*). Uma mesma palavra pode funcionar como Epíteto ou Classificador (p.ex., *fast trains* pode significar 'trens que são rápidos' (Epíteto) ou 'trens classificados como expressos (Classificador). A sequência Núcleo + Classificador pode estar tão intimamente ligada que é muito semelhante a um substantivo composto (p.ex., *chemistry set, building set*), indicando uma progressão do elemento com o potencial especificador máximo para o mínimo. Os Classificadores não aceitam graus de comparação ou de intensidade (não se diz *a more electric train* ou *a very electric train*).
- O Qualificador é um PósN e, ao contrário dos demais, é um sintagma preposicional ou uma oração. Segundo os autores, os Qualificadores, com raras exceções, são orações reduzidas a termos de oração³:

(2) *Guinness, who knighted in 1959, had a long film partnership with director David Lean.*

(3) *The course of military endeavors is very close.*

(4) *Do you read any English novelists who seems to you Kafkaesque?*

³ Processo chamado de *rank-shifted*, ou seja, mudança de nível: de oração para termo de oração (HALLIDAY, 1994).

Quanto à sequência dos constituintes do GN, apresentamos, no Quadro 3, a estrutura do GN, segundo Halliday e Matthiessen, com dois encaixamentos progressivos de modificadores (um para os PréNs e outro para os PósNs), cada um dependendo, em última instância, do Núcleo.

Quadro 3 – Estrutura lógica do GN

Modificador		NÚCLEO		Modificador
		←		→
ζ	γ	β	α	β
<i>Splendid</i>	<i>Old</i>	<i>electric</i>	<i>trains</i>	<i>with pantographs</i>

Fonte: Halliday; Matthiessen (2004)

No Quadro 3, as letras gregas indicam a relação de dependência na qual β depende de α , e γ depende de β , e assim por diante, segundo os autores. Dessa forma, procede-se com a caracterização quantitativa, próxima ao Dêitico (p.ex., *three balls*); seguindo através de várias feições qualitativas (p.ex., *new balls*), terminando com o indicador de classe, mais permanente (p.ex., *tennis ball*). No caso de haver mais de uma característica qualitativa, a tendência é de, novamente, mover-se do menos permanente para o mais permanente (p.ex., *a new tennis ball*, e não, *a tennis new ball*).

Vejamos como é descrita a constituição do GN no inglês por outros estudiosos.

1.1.1 Algumas propostas sobre a constituição do GN no inglês

Para Bruti (2003), os dêiticos e quantificadores que selecionam e particularizam o Núcleo do GN com referência ao contexto de situação, no inglês, são seguidos por itens que descrevem e classificam suas características mais permanentes. Algumas dessas palavras descrevem qualidades objetivas (p.ex., *nu*, *humano*), enquanto outras são subjetivas e representam a atitude do escritor (p.ex., *horrível*), embora a diferença entre informação subjetiva e objetiva nem sempre fique clara. Essas palavras - em geral, adjetivos - são chamadas de epítetos, sendo encontradas, em geral, em sequência de dois (p.ex., *the smooth, foamless sea*), embora possa ocorrer até sequência de cinco.

Além disso, há, segundo a autora, algumas regras que regulam a ordem dos epítetos: (i) atributos de tamanho, idade, forma e cor tendem a ocorrer nessa ordem no inglês: p.ex., *a large, modern, rectangular, black box*; (ii) adjetivos curtos tendem a preceder os longos: p.ex., *a small, lovely, well-kept garden*; (iii) palavras bem conhecidas são colocadas antes das menos comuns: p.ex., *a peculiar*

anti-deluvian monster; (iv) o mais impactante de uma série de adjetivos tende a ser colocado no final: *a sudden, loud, ear-splitting crash*.

Outros não descrevem nenhuma qualidade, mas indicam uma subclasse do referente (p.ex., vida *humana*), e são chamadas de classificadores. Estes limitam a entidade a uma subclasse, relacionando-a com outra entidade (p.ex., oficiais *do exército*, clube *de futebol*). Os classificadores são realizados do geral para o específico (p.ex., no inglês: *newspaper advertisement agency employees*).

Já os qualificadores, continua a autora, são todos PósN, e servem para definir e descrever o Núcleo um pouco mais além do que fazem os PréN, acrescentando informação de tipo temporário e extrínseco, em contraste aos elementos PréN, que são inerentes e relativamente permanentes. Assim, esse modificador não é um elemento essencial ao GN.

Radford (1988) distingue, entre os modificadores, o adjunto nominal e o complemento nominal, com base no fato de que o complemento é sempre 'mais próximo' do Núcleo do que o adjunto. Comparemos:

- (5) *a student of physics with long hair*
(complemento + adjunto)
- (6) *?a student with long hair of physics*
(adjunto + complemento)

Resumimos no Quadro 4, a classificação dos autores citamos.

Quadro 4 - Resumo das propostas sobre estrutura do GN no inglês

	PréN			NÚCLEO	PósN
Halliday; Matthiessen (2004)	Interpessoal	Ideacional	Classificador	NOME	Qualificador
Bruti (2003)	Subjetivo	Objetivo	Classificador		Qualificador
Radford (1988)	Distingue o adjunto adnominal do complemento nominal				
Quirk et al (1985)	Central	PósCentral	PréNúcleo		
Gleason s/d	Especificador	Descritor			
Gregory; Asp (1985)	Epíteto				
Huddleston (1984)	Modificador				

Fonte: Saparas; Ikeda (2013)

O Quadro 4 mostra-nos a tendência a um refinamento na caracterização do GN, conforme as datas se aproximam do presente.

Vemos, assim, que a classificação de Halliday e Matthiessen, de

Bruti e de Quirk et al, embora com diferente metalinguagem, distingue três tipos de modificadores, mas o último não menciona o qualificador. A esse respeito, Bruti fala em qualificador, mas julga que este constituinte não seja essencial ao GN. Aliás, com exceção de Halliday e Matthiessen e de Bruti, os demais não mencionam o qualificador.

Gleason não menciona o classificador; Gregory e Asp, além de Huddleton, não distinguem os diferentes modificadores. Radford diferencia, entre os modificadores, o adjunto adnominal do complemento nominal. Fries (2001) traz algumas propostas (GLEASON, s/d; GREGORY; ASP, 1985; QUIRK et al, 1985; HUDDLETON, 1984 apud Fries, 2001) sobre os PréNs e os PósNs.

Esclarecer a ordem de PréNs e de PósNs do GN é importante, afirma Rush (1998). A troca de um pelo outro na tradução pode causar mudança semântica, pois as funções semânticas de PréNs e de PósNs são distintas.

Nesse contexto, Bathia (1991) refere-se à relação entre o GN e a natureza do gênero do discurso em que ele ocorre. O autor, examinando os GNs em gêneros profissionais, tais como, propaganda, pesquisa científica e dispositivos legislativos, sugere que os GNs são marcadamente diferentes não apenas na sua forma sintática, mas também na sua função retórica.

Assim, diz ele, na medida em que uma das principais preocupações da propaganda é oferecer uma avaliação positiva dos produtos ou dos serviços anunciados, e os GNs são vistos como portadores de adjetivos, há, segundo o autor, uma probabilidade de incidência acima da média de ocorrências desses modificadores nesses gêneros. O autor dá o seguinte exemplo, esquematizado no Quadro 5.

- (7) *The world's smallest and lightest digital CAMCORDER that's also a digital camera*

Quadro 5 – Os GNs na propaganda

(Determinante) (Epíteto) (Epíteto) ... NÚCLEO (Qualificador)
--

Fonte: Bathia (1991)

Já os GNs em gêneros de pesquisa acadêmica, em especial nas ciências, são usados para criar e desenvolver conceitos técnicos. Esses GNs têm uma estrutura em que os modificadores são realizados por uma série de nomes, funcionando como Classificadores, com ocasional incorporação de adjetivo.

O exemplo 8 é um caso típico, segundo Bathia (1993, p.149), em que tanto “*nozzle gas ejection*” quanto “*space ship altitude*” são classificadores constituídos por nomes.

(8) *Nozzle gas ejection space ship altitude CONTROL*

Quadro 6 – Os GNs em artigos científicos

(Classificador)	(Classificador)	... NÚCLEO	(Qualificador)
-----------------	-----------------	------------	----------------

Fonte: Bathia (1991)

1.1.2 Algumas propostas sobre a constituição do GN no português

Também no português, as divergências não se limitam à ordem dos modificadores, abrangendo também a sua definição. Assim, Neves (2000) afirma que os adjetivos podem ser qualificadores e classificadores.

Silva e Dalla Pria (2001) propõem a seguinte categorização sintático-semântica para os adjetivos em posição atributiva: adjetivos determinantes, avaliativos e classificadores.

Para Monte (2006), os adjetivos são classificados em três categorias: qualificadores, classificadores (preposição + substantivo, portanto seria uma locução adjetiva) e de *eventos* (ligados aos participípios de verbos).

Câmara Jr. (1979) diz que há, implicitamente, dois fatores que estabelecem a colocação de atributivos em relação ao nome que modificam: uma que é de ordem gramatical, fixa, e outra que é “livre”, e trata da sequência dos constituintes no GN.

De uma maneira geral, verifica-se que há consenso na distinção entre adjetivos qualificadores e classificadores. Vejamos como os autores se posicionam com referência às funções semânticas dos modificadores PréN e PósN.

1.1.2.1 PréN: Pré-modificadores do núcleo nominal

Para Tarallo (1994), além de ser atitudinal, a posição PréN é um recurso estilístico em textos literários.

Já para Neves (2000), os qualificadores em PréN são apreciativos e, também, gradativos e intensificáveis e expressam valores semânticos de modalização (epistêmicos e deônticos) e de avaliação (intensificação, atenuação e definição).

Silva e Dalla Pria (2001) concordam em que os adjetivos em posição PréN são atitudinais, pois codificam a opinião do falante: com a PréN do adjetivo, o substantivo é tomado pelas características do adjetivo, isto é, o atributo torna-se inerente ao substantivo. Assim, esses adjetivos são usados como extensão do substantivo, ao contrário dos adjetivos avaliativos em PósN. Nesse sentido, Kato (1998) afirma que os poucos adjetivos que ocorrem em PréN são adjetivos atitudinais,

que codificam a posição do falante.

Já para Borba (1996) os qualificadores, como modo de conceber o mundo (*apreciar, avaliar, julgar*), podem tomar as duas posições, Prén e PósN, com vários tipos de implicações semânticas. Mas, para Monte (2006), somente os adjetivos qualificadores podem aparecer em posição Prén.

1.1.2.2 PósN: Pós-modificadores do núcleo nominal

Para Tarallo (1994), a PósN é a ordem mais comum em português (menos marcada), porque ela realiza o princípio funcional básico do sistema: o valor de máxima informação deve estar no final dos predicados nominais (núcleos). Para Neves (2000), a PósN tem valor descritivo.

Silva e Dalla Pria (2001) mostram que, na PósN, os adjetivos determinam um subgrupo para o grupo designado pelo substantivo e expressam características com função descritiva. Adjetivos avaliativos são usados na dependência de uma avaliação subjetiva e podem ocorrer em Prén ou PósN, ou seja, pode-se concluir que modificadores avaliativos também ocorrem em posição pós-núcleo. Adjetivos classificadores, segundo Silva e Dalla Pria, não expressam características, mas apenas relacionam entidades, classificando-as.

Para Borba (1996), os classificadores, com função de relacionar entidades, são sempre PósN; e para Câmara Jr (1979), a PósN é denotativa, e a Prén é conotativa.

Monte (2006) diz que, em português, a posição preferencial dos adjetivos é a PósN. Segundo a autora, poder-se-ia afirmar que nem todo adjetivo qualificador admite a Prén, mas que todo anteposto admite a posição posposta.

Quadro 7 - Resumo das propostas sobre estrutura do GN do português

	Prén	NÚCLEO	PósN
Monte (2006)	Qualificador	NOME	Classificador
Silva e D.Pria (2001)	Avaliativo		Classificador
Neves (2000)	Qualificador		Classificador
	Significado do Prén	NOME	Significado do PósN
Monte (2006)	Qualificador		Mais comum.
Silva e D.Pria (2001)	Atitudinal		Descritivo
Neves (2000)	Modalização e Avaliação		Descritivo
Kato (1998)	Atitudinais		
Tarallo (1994)	Recurso estilístico		Mais comum.
Câmara Jr.(1979)	Conotativa		Denotativa

Fonte: Saparas; Ikeda (2013)

Podemos ver, no Quadro 7, que, de uma maneira geral, os modificadores Prén respondem pelo posicionamento do autor em relação à avaliação do nome, enquanto que os PósN se atêm à descrição da função intrínseca do objeto nomeado. Por outro lado, o termo “qualificador” refere-se ao Epíteto, da GSF, já que o Qualificador, da GSF, é PósN, tanto no inglês como no português, e não Prén como consta em vários autores do Quadro 7.

A seguir, apresentamos a proposta de Silva (2008), que acrescenta a dimensão discursiva ao estudo do GN.

1.2 A dimensão discursiva

Para Silva (2008), em relação ao núcleo nominal as zonas de modificação adjetival, no português, podem ser: determinativa, avaliativa e classificadora. Excetuando-se os determinativos que permanecem sempre antepostos ao nome, e os classificadores, pospostos, diz Silva, a flexibilidade de movimentação dos adjetivos no sintagma em português fica por conta dos avaliativos: pospostos e antepostos (em negrito), como demonstra o Quadro 8.

Quadro 8 - Zonas sintáticas de modificação adjetival para o português

Determinante	Avaliativa	Nome + classificadora	Avaliativa
--------------	-------------------	-----------------------	-------------------

Fonte: Silva (2008)

Explicar os motivos dessa movimentação em grupos nominais com apenas um adjetivo tem sido objeto de estudo de muitos gramáticos e linguistas, continua Silva. As duas estruturas sintagmáticas existem no português e, ao longo das transformações desta língua, uma estrutura tem sempre sobrepujado a outra em números de ocorrência, prevalecendo atualmente a posposição do adjetivo (COHEN, 1979; SILVA e PRIA, 2001, 2002), com diferentes explicações para esse fato.

Silva (2004, p. 33) analisa a ocorrência de sintagmas com apenas um adjetivo, em 16 obras em prosa de escolas literárias brasileiras (*romântica, realista-naturalista, pré-modernista, modernista e pós-modernista*). Os dados revelam redução crescente do número de anteposições ao longo dos períodos, como mostra o Quadro 9.

Quadro 9 - Número de anteposição e posposição aos períodos literários

Posição	Categ.	Romântico	Real/Nat	Pré-Mod.	Mod/P.Mod.
Antepos.	Aval.	40,8%	35,2%	31,0%	15,2%
	Det.	6,0%	7,5%	6,3%	3,6%
Pospos.	Aval.	36,5%	46,3%	49,1%	70,6%
	Class.	16,7%	11,0%	13,6%	20,6%

Fonte: Silva (2004)

Com relação aos GNs com dois adjetivos mais nome, Silva (2008), referindo-se às zonas de modificação adjetival em português que podem ser: determinativa, avaliativa e classificadora (conforme Quadro 7), diz que essas três zonas nos possibilitam formular 10 GNs, que explicitam as possíveis categorizações sintático-semânticas para o adjetivo, e que apresentamos no Quadro 10.

Deixando de lado as posições do determinativo (sempre Prén tanto no inglês quanto no português) e o classificador (sempre Prén no inglês e PósN no português (zonas 3, 5, 10), as zonas 1 e 2, com relação ao avaliativo, referem-se à preferência do inglês pela Prén e do português pela PósN (cf. Quadro 9).

Quadro 10 - Zonas de modificação adjetival

1	Determinativo	NOME	Avaliativo
2	Determinativo	Avaliativo	NOME
3	Determinativo	NOME	Classificador
4	Avaliativo	NOME	Avaliativo
5	Avaliativo	NOME	Classificador
6	NOME	Classificador	Avaliativo
7	NOME	Classificador	Classificador
8	NOME	Avaliativo	Avaliativo
9	Avaliativo	Avaliativo	Nome
10	Determinativo	Determinativo	NOME

Fonte: Silva (2008)

Quanto à zona 4, Silva mostra que a posição dos avaliativos depende do falante e do contexto discursivo do enunciado (p.ex., *suculento beijo voluptuoso* ou *voluptuoso beijo suculento*); a mesma explicação abrange a zona 6 (p.ex., *estação radiofônica barulhenta* ou *barulhenta estação radiofônica*). Notemos, em 6, que o *classificador* permanece sempre junto ao nome.

Quanto à zona 7, caso de dois classificadores, o argumental⁴ (que é complemento do nome) (ex., *sensíveis ao dano ambiental*) tem prioridade sobre o não-argumental (classifica sem ser complemento) (p.ex., *mudanças políticas*).

Com relação às zonas 8 (p.ex., *conhecimento obscuro e desnecessário*) e 9 (*famosos e inteligentes animais criados pelo cinema*), diz Silva, que no caso de dois *avaliativos*, sua ordem depende do falante e do contexto discursivo, já que um não incorre no outro.

No entanto, em *conhecimento obscuro e desnecessário*, parece-nos que há uma relação lógica (no caso, de causa-e-efeito), ou seja, o

⁴ “dano ambiental”: **dano** é nominalização de “danificar” que pede um complemento verbal, o objeto direto “o ambiente”. Após a nominalização, o complemento verbal transforma-se em complemento nominal.

conhecimento é desnecessário porque *obscuro*. Da mesma forma, os *animais* são *famosos* porque são *inteligentes*. Ou seja, nesses exemplos, a relação de causalidade tende a influir na ordenação dos elementos assim relacionados, colocando a causa antes da consequência.

2. Metodologia

A análise leva em consideração a dimensão semântico-discursiva, em acréscimo às características morfossintáticas, do GN do inglês e sua tradução para o português, e apoia-se basicamente na proposta teórico-metodológica da Gramática Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1999; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A pesquisa deve responder às perguntas: (a) Quais são as funções exercidas pelos constituintes nos GNs do inglês e do português? (b) Qual é a ordem desses constituintes nos GNs do inglês e do português? Para tanto, selecionamos os seguintes dados e adotamos os procedimentos de análise a seguir explicitados.

2.1 Dados

Examinamos o GN nos textos apresentados no Quadro 11. A seleção desses dados baseou-se em textos em inglês que alunos de cursos de pós-graduação precisaram traduzir para o português, durante a elaboração de suas dissertações de mestrado e teses⁵. Talvez devido à complexidade, em geral, da sintaxe do texto acadêmico, talvez por desconhecimento do assunto expresso por essa sintaxe, notamos uma dificuldade generalizada nessas traduções.

Quadro 11 – Dados da pesquisa

Artigo acadêmico	MUNTIGL, P. Policy, politics, and social control. <i>Text & Talk</i> vol.22, no. 3, 2002, p. 393-442.
	KIMMEL, M. Why we mix metaphors. <i>Journal of Pragmatics</i> vol.42, no. 1, 2010, p. 97-115.
Propaganda	<i>Entertainment Weekly</i> (20.4.2001) e <i>AAPG Explorer</i> (abr.2001) - http://www.kalevleetar.com/publish ;
	VELASCO-SACRISTÁN, M. Metonymic grounding of ideological metaphors. <i>Journal of Pragmatics</i> , 42, 2010, p. 64-96.
Editorial de jornal	<i>The New York Times</i> : Intentional Bias in North Carolina, (25.12.12); Fraud in Preschool Special Education (25.12.12); American Pilots Are Indicted in Brazilian Airliner Crash (6.2.07); Flight Recorder Is Said to Back American Plots in Brazil Crash (6.2.07).
	<i>The Guardian</i> : Public support for Leveson unmoved by press attacks (28.02.12); The dandelion's ephemeral solar system (28.02.12).

⁵ Alunos de pós graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP.

Fonte: Saparas e Ikeda (2014)

Portanto, esse foi o critério que selecionou os textos da nossa análise, não tendo havido, assim, uma pré-seleção para a presente pesquisa. Contudo, podemos agrupá-los segundo três diferentes gêneros, como mostra o Quadro 11.

2.2 Procedimentos de Análise

A análise seguiu as seguintes etapas:

- (a) coletamos 117 GNs nas fontes acima citadas;
- (b) traduzimos esses GNs para o português;
- (c) deixamos de considerar o *Determinante*, já que esse componente tem posição fixa (início do GN) tanto no inglês quanto no português; também deixamos de considerar o *Classificador*, que também tem posição fixa: antecede o nome (PréN) em inglês, e a ele se pospõe (Pós-N) em português;
- (d) consideramos o fato de que os avaliativos, também denominados de *Epítetos*, podem ser distinguidos, segundo a Gramática Sistemática-Funcional (HALLIDAY, 1994), como *Epíteto Ideacional*, denotando uma propriedade objetiva (cf. *old train*), ou Interpessoal, expressando atitude subjetiva do falante em relação ao nome (cf. *splendid train*);
- (e) vamos adotar a nomenclatura sugerida por Halliday (1994), colocando a letra inicial em maiúscula (ex., Epíteto, Classificador, Interpessoal e assim por diante), nos casos em que nos referirmos à teoria sistêmica. Assim, evitamos a confusão que pode ocorrer, já que muitos desses termos foram usados por outros autores com significados por vezes diferentes;
- (f) enumeramos os constituintes do GN, com base na sua função, para facilitar a comparação do GN original, em inglês, com a sua tradução para o português, conforme o Quadro 12.

Quadro 12 - Análise de GNs do tipo 4-3-2-1

GN	Interpessoal (1)	Ideacional (2)	Classificador (3)	NÚCLEO (4)
Original:	<i>Detailed</i>	<i>supporting</i>	<i>Evaluation</i>	<i>DATA</i>
Tradução:	DADOS avaliativos evidenciados em detalhe			
	(4)	(3)	(2)	(1)

Fonte: Saparas; Ikeda (2014)

Nesse exemplo, o nome *DADOS* é modificado por um *Classificador (avaliativo)* e por dois *Epítetos (evidenciado e em detalhe)*. Notemos que em termos discursivos, os epítetos – se ideacional ou interpessoal – podem depender do contexto. Assim como disse Halliday (1994), não há uma linha nítida entre esses dois Epítetos.

3. Análise e Discussão dos resultados

Iniciamos a análise dos GNs, colocando primeiramente o GN inglês, seguido da tradução em português, sublinhando os modificadores que sofreram deslocamento em relação ao GN original e realçando o Núcleo em letras maiúsculas. A análise mostrou três situações maiores com algumas exceções:

- (a) GNs com os constituintes seguindo a ordem 1-2-3-4 (epíteto interpessoal-epíteto Ideacional-classificador-Núcleo), no inglês, são traduzidos para o português apresentando a ordem 4-3-2-1 (Nome-classificador-epíteto Ideacional-epíteto Interpessoal);
- (b) o adjetivo no grau superlativo tem posição inicial mantida na tradução;
- (c) GNs que admitem duas traduções, conforme exigência do contexto, de acordo com Silva (2008). Há traduções de GNs que fogem a esses grupos e que estamos chamando de "Casos Específicos".

3.1 A Regra Geral: ordem 1-2-3-4 no inglês e 4-3-2-1 na tradução em português.

A ordem 1-2-3-4 no inglês e 4-3-2-1 no português comprovam as previsões: (i) a posição fixa do *classificador*: Prén no GN em inglês e PósN no GN em português; (ii) a ordem fixa dos *avaliativos*: Prén em inglês e PósN em português. Essa situação⁶ caracteriza o que chamaremos de Regra Geral.

Apresentamos, a seguir, alguns exemplos desse caso no Quadro 13. Notemos a raridade do Epíteto, mesmo nos exemplos coletados em

⁶ Com quase 50% dos GNs examinados.

propagandas. Por outro lado, o Classificador, tanto no inglês quanto no português, permanece junto ao Núcleo: antes do Núcleo no inglês; depois do Núcleo no português. Assim, verifica-se a afirmação de Halliday (1994: 185) de que "A sequência Núcleo + Classificador está tão intimamente ligada que é muito semelhante a um substantivo composto".

Quadro 13 - Exemplos da Regra Geral

<i>available box sound SYSTEM</i> SISTEMA de caixa de som disponível
<i>interrelated system NETWORKS</i> REDES de sistema interconectados
<i>PC-based geological INTERPRETATION</i> INTERPRETAÇÃO geológica baseada em PC
<i>training sector REFORMS</i> REFORMAS do setor de treinamento
<i>LiveQuest Application Service Provider (ASP) SOLUTION</i> SOLUÇÃO do Serviço de Provedor do Aplicativo (SPA) Live Quest
<i>differential knowledge-based SKILLS</i> HABILIDADES baseadas em conhecimento diferencial

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

Alguns modificadores são compostos, como os sublinhados nos exemplos a seguir, mas seguem a Regra Geral.

Quadro 14 - Modificadores Compostos

<u><i>Data Boom Explorer Review property LISTINGS</i></u> LISTAGENS de propriedade do <u>Data Boom Explorer Review</u>
<u><i>electric shock stun GUNS</i></u> ARMAS <u>imobilizadoras de choque elétrico</u>
<u><i>newspaper advertising agency EMPLOYEES</i></u> FUNCIONÁRIOS de <u>agência de propaganda em jornais</u>
<u><i>special education service PROVIDERS</i></u> PROVEDORES de <u>serviço de educação especial</u>
<u><i>Brazilian air traffic CONTROLLERS</i></u> CONTROLADORES de <u>tráfego aéreo brasileiro</u>

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

Podemos observar, no Quadro 14, Epítetos Ideacionais compostos, em que ambos os Epítetos têm posição fixa: *de choque elétrico* (uma locução adjetiva seguida de adjetivo) não permite outra ordem, **elétrico de choque*. Este é um assunto que poderia ser mais explorado, pois nem sempre pode ficar a critério do autor: os epítetos relacionam-se entre si (p.ex., por causalidade, como vimos no item 1.3) por alguma razão lógica.

Também seguem a Regra Geral os GNs com genitivo, que são

traduzidos pela locução adjetiva. Notemos que esse genitivo é um Qualificador (*source and target DOMAIN of a metaphor*), segundo Halliday (1994), que teria posição fixa PósN, se expresso dessa forma.

Quadro 15 - Modificador envolvendo Genitivo

<i>metaphor's source and target DOMAIN</i> DOMÍNIO da fonte e alvo da metáfora
<i>jet's anticollision EQUIPMENT</i> EQUIPAMENTO anticolisão do jato
<i>pilots' filed flight PLAN</i> PLANO de vôo preenchido dos pilotos
<i>audience's established cognitive SCHEMAS [for producing metaphors]</i> ESQUEMAS cognitivos estabelecidos na audiência
<i>Embraer Legacy 600 executive JET</i> JATO executivo Legacy 600 da Embraer

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

3.2 GNs com adjetivo no grau superlativo

O Quadro 16 apresenta um advérbio (*fully*) antecedido do artigo (*the*), formando o grau superlativo do Epíteto Ideacional ("*robotized*") (ALMEIDA, 2011: 151). Como mostramos a seguir, os GNs que se iniciam com adjetivos ou advérbios no grau superlativo tendem a manter o elemento investido do grau superlativo no início do GN na tradução. Este é um caso que não segue a Regra Geral.

Quadro 16 - GNs com superlativos

(1) Interpessoal	(2) Ideacional	(3) Classificador	(4) NÚCLEO
(the) most fully	Robotized	Automobile	PLANT
(a) <u>mais completamente</u>	<u>robotizada</u>	<u>FÁBRICA</u>	<u>de automóveis</u>
	(2)	(4)	(3)

Fonte: Saparas; Ikeda (2013)

Vejamos outros exemplos:

Quadro 17 - Mais exemplos com Superlativo

(the) <i>most important adjacent metaphor PAIRS</i> (os) <u>mais importantes</u> PARES de metáfora adjacente
(the) <i>tightest possible COMPLEMENTATION</i> (a) <u>mais sólida</u> COMPLEMENTAÇÃO possível
(the) <i>fastest volume visualization and interpretation SOFTWARE</i> (o) <u>mais rápido</u> SOFTWARE de visualização e de interpretação de volume
(the) <i>most dangerous illegal IMMIGRANTS</i> (os) mais perigosos IMIGRANTES ilegais
(the) <i>latest colour CATALOGUE [showing our new collection]</i> (o) <u>último</u> CATÁLOGO de cor
(the) <i>most salient CHARACTERISTIC [of EU officials' discourses]</i>

(a) <u>mais saliente</u> CARACTERÍSTICA

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

Já o seguinte exemplo mostra um caso em que se juntam o superlativo + o genitivo, caso em que superlativo passa a PósN:

Quadro 18 - GN com Superlativo e Genitivo

<i>Brazil's largest circulation DAILY</i> DIÁRIO de maior circulação no Brasil

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

3.3 Outros casos de permanência de Prén na tradução

Da mesma forma, algumas palavras ou expressões têm, como mostram os seguintes exemplos, a propriedade de se manterem em igual posição nas duas línguas, no caso, como Prén. Assim são GNs iniciados por "so-called" ou "new":

Quadro 19 - Outros casos de Prén

<i>(the) so-called "active" labor market policy</i> (a) <u>assim chamada</u> POLÍTICA do mercado de trabalho "ativo"
<i>(the) so-called enlargement process</i> (o) <u>assim chamado</u> PROCESSO de engrandecimento
<i>(the) new 2 in 1 LIPSTICK [with renewing agents for smoother lips]</i> (o) <u>novo</u> BATON 2 em 1
<i>(a) prospective black JUROR</i> (um) <u>provável</u> MEMBRO DO JURI negro

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

3.4 GNs que admitem duas ordens na tradução

Há casos que admitem duas diferentes ordens na tradução em língua portuguesa, como mostramos no Quadro 20, e que dependeriam da escolha do autor ou do contexto discursivo, como dizem Halliday e Matthiessen (2004) e Silva (2008).

Quadro 20 - Dupla possibilidade de sequência

<i>increasing PRODUCTIVITY [in the manufacturing sector]</i> (a) PRODUTIVIDADE crescente [no setor manufatureiro] (b) crescente PRODUTIVIDADE [no setor manufatureiro]
<i>much higher word COUNT [for the Guardian]</i> (a) CONTAGEM de palavras muito superior (b) CONTAGEM muito superior de palavras
<i>growing public DISTRUST [to produce skilled workers]</i> (a) crescente DESCONFIANÇA do público [de ...]

(b) DESCONFIANÇA crescente do público [de ...]

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

Casos há, porém, em que a decisão para a escolha entre as alternativas mudaria o significado do GN, como em: (*the same*) *conceptual core MAPPING* [*as the statement*]. Seria:

(a) MAPEAMENTO do núcleo conceitual [...]?

(b) MAPEAMENTO conceitual do núcleo [...] ?

Ou, esquematicamente:

Quadro 21 - Sequência e Significado

	Ideacional (2)	Classificador (3)	NÚCLEO (4)
1ª.opção	<i>conceptual</i>	<i>core</i>	<i>MAPPING</i>
2ª.opção		conceptual core	

Fonte: Saparas e Ikeda (2013)

4. Considerações Finais

Na análise que considerou a proposta da GSF, incluindo a dimensão semântica na caracterização das funções dos Prén e dos PósN, a grande maioria dos GNs do inglês apresentou a ordem: Epíteto Ideacional-Classificador (2-3) em relação ao Núcleo (4), portanto, apresentando a ordem 2-3-4, com raras ocorrências do Epíteto Interpessoal (1), mesmo em gênero da propaganda, quando se esperava a avaliação subjetiva do produto anunciado. A tradução pospõe o Classificador e o Epíteto Ideacional (3-2) ao Núcleo (4), resultando na ordem 4-3-2. Essa situação caracteriza o que chamamos de Regra Geral.

Nos GNs iniciados com adjetivo no grau superlativo, a tradução portuguesa mantém essa posição. Assim, também, certas palavras, como, "*so called*", "*new*". Quanto ao GN "problemático", citado na Introdução, *critical discourse analysis*, a tradução, de acordo com a Regra Geral proposta, será 'análise do discurso crítica', já que "discurso" é o Classificador e deve permanecer junto ao Núcleo.

Há GNs que admitem duas ordens na tradução. São casos em que a escolha de uma ordem em detrimento da outra exige o conhecimento do contexto de situação, ou seja, do assunto em que esses GNs se localizam, o que inclui a consideração da função discursiva nessa análise.

Por outro lado, há casos em essa escolha deve levar em conta

relações como as de causalidade, como caso de *conhecimento obscuro e desnecessário*, em que *obscuro* tem primazia de surgimento no GN, pois é causa de *desnecessário*, uma questão semântica.

O Dêitico e o Numeral mantêm a ordem que ocupam no GN do inglês quando traduzido para o Português. Quanto ao Qualificador, verificamos que mantêm a posição do original inglês, ou seja, é PósN, fato que facilita a tradução do GN.

Embora não faça parte desta pesquisa, há duas situações que percebemos durante a análise e que esperamos examinar futuramente: (a) numerosa ocorrência de GNs em que o Núcleo é seguido da preposição "of", ou até dupla ocorrência dessa preposição, seguido ou de Complemento, Qualificador ou Apositivo; (b) longos PósN, além do Qualificador, o que nos mostrou uma tendência ao equilíbrio entre o conteúdo Prén e PósN: quanto mais extenso é o Prén, menos extenso é o PósN e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BATHIA, V. K. *Analysing genre – Language use in Professional settings*. Londres: Longman, 1993.
- BATHIA, V. K. *Genre Analysis and world Englishes*. In: B.B. KACHRU e L.E. SMITH. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- BORBA, F. S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BRUTI, S. *The modifying element*. Anno accademico 2002/2003 Facoltà di Lettere e Filosofia Corso di Laurea in Lingue Lingua Inglese I, 2003.
- CÂMARA JR., J. M. *A história da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FRIES, P. H. Toward a componential approach to text. In GIBBONS, J.; NICHOLAS H.; GLEASON, H.A. *Introduction to Descriptive Linguistics*. Manuscrito não publicado. Edição s.d. (apud FRIES, 2001).
- FRIES, P. H. Issues of Structure and Interpretation in the English Nominal Group. In: J. de VILLIER; ROBERT, J. S. (eds.). *Communication in Linguistics I*. Toronto: Éditions du Gref, 2001.
- GREGORY; ASP, 1985 sem dados (apud FRIES, 2001).
- HALLIDAY, M.A.K. (eds), *Learning, Keeping and Using Language: selected papers from the 8th World Congress of Applied Linguistics, Volume 2*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.MM.I.M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Arnold, 2004.
- HUDDLESTON, R. *Introduction to the grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- KATO, M. A. A sequência Adj+N em português e o princípio da harmonia

transcategorial. *Letras & Letras* 4: 1-2, 1998.

MAGALHÃES, Izabel. A Análise de discurso crítica (ADC). *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 7, 2004/2005.

MONTE, C. *Como o computador deve concordar o adjetivo com o substantivo*. <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno14-05.html>
Acesso em 15/10/2006.

NEVES, M. H. de. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

PERINI, M. A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. Londres: Longman, 1985.

RADFORD, A. *Transformational grammar: A first course*. Nova York: Cambridge University Press, 1988.

RUSH, S. The noun phrase in advertising English. *Journal of Pragmatics* 29: 155-171, 1998.

SILVA, A. A ordem variável do adjetivo no SN: uma questão semântico-discursiva. *Matraga – Revista da PPGL*, 16: 33-46, 2004.

_____. A ordem dos adjetivos em grupos nominais: uma questão sintático-semântica e discursiva. *Calidoscópio*, 6.3: 134-141. Unisinos, 2008.

SILVA, A. da; DALLA PRIA, A. *A ordem variável do adjetivo em anúncios jornalísticos do séc: uma questão semântico discursiva*. São Paulo: Alfa 45: 71 – 73, 2001.

TARALLO, F. *Tempos Linguísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1994.